

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA - NCET
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGEO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

OS FESTEJOS CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER EM
COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO RIO MADEIRA-RO

Vanilce Nogueira da Silva¹

Josué da Costa Silva²

RESUMO: Nossa proposta de pesquisa traz como eixo principal a busca por compreender a relação do Modo de vida ribeirinho e sua relação com a natureza constituindo elementos do Bem Viver. O modo de produção capitalista imprimiu uma visão de mundo pautado no mundo da mercadoria e na individualização e objetificação das relações entre nós, humanos, e com a natureza. Isso obscureceu nossa capacidade de perceber os aspectos simbólicos e significativos das construções sociais dos povos originários e tradicionais. Vivenciamos uma crise ambiental de proporções ainda não determinadas, mas sabemos que a crise climática com seus eventos extremos é o desafio que nos chama a busca de alternativas. Através dos estudos da geografia cultural podemos pensar sobre os multinacionais pós modos de vidas existentes e já sabemos que o modo de vida de populações ribeirinhas, das populações originárias encontramos indícios de relações com a natureza que se baseiam no equilíbrio, na vivência, no respeito aos conhecimentos e saberes ancestrais. Precisamos trazer esses modos de vida para o protagonismo dos debates das crises ambientais. A cultura, os saberes, os conhecimentos podem contribuir na busca de alternativas para os desafios da crise ambiental que se avizinha. Propomos contribuir com a temática deste GT apresentar características do modo de vida de comunidades ribeirinhas e suas relações com a natureza de características não mercadológicas trataremos dos festejos culturais, os aspectos festivos desse modo de vida mostrando como se articula um “Bem Viver”

¹ Mestranda em Geografia/Universidade Federal de Rondônia – Unir.

vanilcesoudedeus@hotmail.com

² Doutor em Geografia, professor da Universidade Federal de Rondônia – Unir.

Jcosta1709@gmail.com

ribeirinho, caboclo. Nossa abordagem será fenomenológica e trataremos das metodologias que estamos utilizando em trabalhos de campo como entrevistas, rodas de conversas e grupos focais. Como base teórica, temos no momento os autores e autoras Amaral (1998), Acosta (2016), Silva (2003), Silva (1994), Nascimento (200), Tuan (2012), Lugones (2014), e outros que nos posicionam frente a uma análise fenomenológica e cultural.

Palavras Chaves: Amazônia, Bem Viver, Cultura; Modo de vida ribeirinho.

ABSTRACT: Our research proposal has as its main axis the quest to understand the relationship between the riverside way of life and its connection with nature, constituting elements of *Buen Vivir*. The capitalist mode of production has imposed a worldview centered on the world of commodities and on the individualization and objectification of relationships between ourselves, humans, and with nature. This has obscured our ability to perceive the symbolic and meaningful aspects of the social constructions of Indigenous and traditional peoples. We are experiencing an environmental crisis of proportions not yet fully determined, but we know that the climate crisis, with its extreme events, is the challenge that calls us to seek alternatives. Through the lens of cultural geography, we can reflect on the multiple postmodern ways of life, and we already know that within the lifestyles of riverside populations and Indigenous peoples we find signs of relationships with nature based on balance, lived experience, respect for ancestral knowledge and wisdom. We must bring these ways of life to the forefront of debates on environmental crises. Culture, knowledge, and wisdom can contribute to the search for alternatives to the challenges of the environmental crisis that lies ahead. We propose to contribute to the theme of this Working Group by presenting characteristics of the riverside communities' way of life and their non-market-oriented relationships with nature. We will address cultural festivities and the celebratory aspects of this lifestyle, showing how a riverside, *caboclo* "Buen Vivir" is articulated. Our approach will be phenomenological, and we will present the methodologies we are using in fieldwork, such as interviews, conversation circles, and focus groups. As our theoretical basis, we draw on authors such as Amaral (1998), Acosta (2016), Silva (2003), Silva (1994), Nascimento (2000), Tuan (2012), Lugones (2014), among others, who position us toward a phenomenological and cultural analysis.

Keywords: Culture; riverside way of life; Amazon; *Buen Vivir*.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está relacionado ao percurso de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia, cuja abordagem está relacionada à temática que se encontra em andamento.

Quando pensamos historicamente, os festejos e festas, são parte da cultura dos grupos sociais, e reúnem uma cerca de simbologias e significados importantes ao grupo. A autora Amaral (1998) nos diz que as festas religiosas por exemplo foram fatores formadores da cultura no nosso país. Cada grupo tem suas crenças, e o processo de ocupação tem muito a ver com os festejos que farão parte da cultura. A população ribeirinha traz consigo uma construção social ligadas aos ciclos, extrativismo e consigo uma crença ligada aos povos de ocupação do território. No estudo de Saraiva (2017), ficou visto que a maioria das comunidades ribeirinhas de baixo madeira possuem festejos ligados à religiosidade, onde ele discorre sobre as ligações históricas de ocupação.

Além das festas religiosas, há ainda festejos culturais ligas as lendas, as produções agrícolas, e a temporalidade diferenciada que essas populações vivenciam.

A ciência geográfica por sua vez permite compreender a multiplicidade dos fenômenos sociais em suas subjetividades e especificidades. Amorim Filho (2007) traz reflexões sobre as novas abordagens da geografia e da sua pluralidade na geografia cultural pontuando as evoluções que a ciência geográfica vai traçando e permitindo aberturas que contemplem tais abordagens culturais. Compreender a cultura ou o conceito de cultura é muito desafiador, pois é perceber a vivência, os elementos que fazem parte, as histórias, a essência. A cultura ribeirinha tem características peculiares em meio às dinâmicas sociais, como coloca a autora Nascimento Silva (2000, p 94-5).

O espaço, nas comunidades ribeirinhas, ainda está muito próximo, ou melhor, está intimamente ligado ao ribeirinho, eles mesmos ainda não perderam completamente o controle desse espaço, onde reconhecem os signos e significados que estão presentes em seu ambiente sem se separarem deles inteiramente, sem transformá-lo essencialmente em mercadorias.

O cenário ribeirinho por mais que mude conforme os ciclos mudam, as dinâmicas e transformações são contínuas, reorganizando e recriando o modo de vida. Tanto a estrutura do espaço físico quanto as relações sociais são dinâmicas, modificando-se ao longo do tempo. Na região ribeirinha, são muito evidentes mudanças advindas da ocupação humana, principalmente o aumento da população e uso da terra.

Já as transformações sociais ocorrem através das relações que se estabelecem ao decorrer dos tempos com a convivência, chegada de políticas públicas, relações políticas e

culturais na comunidade. Contudo, como a autora coloca, a cultura ribeirinha permanece ligada ao seu modo de vida diferenciado.

Tal contexto nos leva a uma reflexão sobre o Bem Viver da população ribeirinha, e que esse bem viver está ligado à cultura. Compreendemos que a cultura tem as relações sociais como construtoras e é construída pelos sujeitos onde se configuram e dão sentidos ao seu viver. Já o Bem Viver, parte da ideia filosófica que considera a cosmologia e o modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. (Acosta, 2016, p. 14).

Nesse sentido, a pesquisa busca perceber como os festejos ligados à cultura ribeirinha se incorporam na construção do Bem Viver, junto aos elementos e simbolismo que estão envolvidos ao momento de se festejar, de interagir e de viver dessa população.

Para tanto surge a pergunta que norteia essa pesquisa, o que é o bem viver para os ribeirinhos? Como eles percebem o Bem Viver? e como constroem isso coletivamente? As mulheres possuem uma mesma percepção de Bem Viver? Tantas perguntas, são interesse de investigação, no que se pretende aqui.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica apoia-se em uma articulação entre geografia cultural, fenomenologia e perspectivas decoloniais. Segundo Claval (2007), a geografia cultural busca compreender a cultura como um sistema de símbolos, práticas e significados que estruturam o espaço. Nesse mesmo horizonte, Tuan (2012) e Relph (1978) evidenciam como o espaço vivido se torna lugar a partir das experiências e sentidos atribuídos pelos sujeitos.

Na Amazônia, a cultura ribeirinha revela essa dimensão fenomenológica: o espaço do rio, da várzea e da floresta é inseparável da vida cotidiana, estruturando não apenas práticas econômicas, mas também festejos, crenças e narrativas. A fenomenologia da percepção, em Merleau-Ponty (2006), oferece subsídios metodológicos para compreender tais vivências.

Por outro lado, pensar o Bem Viver implica deslocar o olhar da lógica desenvolvimentista. Para Acosta (2012; 2016), o Bem Viver (*Sumak Kawsay*) não é um modelo fixo, mas um horizonte civilizatório que resgata valores de reciprocidade, coletividade e harmonia com a natureza. Essa perspectiva converge com as reflexões de Alcântara e Sampaio (2017), que discutem o Bem Viver como alternativa às crises ambientais e sociais do capitalismo global.

Além disso, Lugones (2008; 2014) contribui para pensar a colonialidade de gênero e a necessidade de uma abordagem interseccional, que valorize o protagonismo das mulheres ribeirinhas nos processos culturais. Autoras como Nascimento Silva (2000) reforçam que a cultura é construída nas relações sociais e permanece profundamente ligada ao modo de vida diferenciado das populações amazônicas.

Por fim, estudos regionais como os de Saraiva (2007), Gomes (2024) e Reis (2024) ampliam a compreensão da relação entre festejos, ancestralidade e modos de vida ribeirinhos e fronteiriços, conectando identidade, religiosidade e territorialidade.

Assim, o referencial teórico articula dimensões fenomenológicas, culturais e decoloniais para compreender os festejos ribeirinhos como espaços de resistência e de construção do Bem Viver.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa buscamos uma abordagem que parte das subjetividades para compreender o Bem Viver, para tanto o método que nos coloca essa possibilidade em vem sendo muito usado na geografia com aporte de pesquisas com fenômenos nas ciências humanas com intenção de compreender as vivencia, a cultura e considerando as subjetividades tem sido o método fenomenológico.

De acordo com Merleau-Ponty (2006), podemos compreender que esse método permite que a pesquisa considere o olhar, a perspectiva. Neste trabalho o método vai nos permitir compreender os festejos e as relações que se entrelaçam a esse fenômeno, trazendo todo o contexto cultural, na tentativa de compreendermos as vivências, as percepções de homens, mulheres e juventude sobre a identidade e o espaço e o lugar.

Como técnicas de pesquisa, utilizamos a roda de conversa e os grupos focais, por compreender que esses instrumentos favorecem a construção coletiva do conhecimento, permitindo captar significados compartilhados e compreender as dinâmicas internas da comunidade. De acordo com Gatti (2005), os grupos focais possibilitam identificar percepções, representações e processos de construção da realidade social a partir da interação entre os participantes. Nesse sentido, tais métodos não se limitam à coleta de opiniões individuais, mas promovem um espaço de diálogo coletivo, no qual emergem saberes, narrativas e experiências que muitas vezes não seriam expressos em entrevistas individuais formais.

As rodas de conversa foram planejadas como espaços de troca e escuta coletiva, respeitando os tempos e modos de expressão das pessoas da comunidade. Nessas rodas, buscou-se criar um ambiente de confiança e de reconhecimento mútuo, estimulando que os participantes pudessem refletir sobre suas próprias práticas culturais, modos de vida e percepções sobre o Bem Viver. Os grupos focais, por sua vez, permitiram aprofundar questões específicas, como os festejos culturais, a relação com o território e os papéis de gênero na organização comunitária, favorecendo uma compreensão mais densa das experiências coletivas.

O trabalho de campo assume papel central neste estudo, especialmente por se tratar de uma pesquisa com ênfase social, cultural e fenomenológica. Quando lidamos com temas historicamente pouco explorados ou invisibilizados como as práticas culturais locais e o modo de vida no espaço rural amazônico, a presença em campo torna-se indispensável. É por meio dele que é possível observar práticas cotidianas, captar nuances e reconhecer formas próprias de organização e resistência.

Eduardo Marandola Jr. (2013, p. 108) destaca que o trabalho de campo, sob uma perspectiva fenomenológica, deve ser compreendido como “um exercício de escuta, um deslocar-se para encontrar o outro em seu mundo vivido”. Essa abordagem rompe com posturas distanciadas e objetivantes, valorizando a experiência e o olhar das próprias pessoas sobre suas realidades. Assim, mais do que observar, o pesquisador busca estar com, ouvir e compreender os sentidos que os sujeitos atribuem ao espaço, à cultura e às relações sociais que constroem seu cotidiano.

As entrevistas individuais também tiveram papel fundamental na pesquisa, permitindo um diálogo mais aprofundado com moradores e moradoras da comunidade. Nelas, buscou-se valorizar as vozes das mulheres, reconhecendo suas experiências como produtoras de conhecimento e práticas culturais. As entrevistas possibilitaram compreender histórias de vida, percepções pessoais sobre o Bem Viver, a importância dos festejos e os modos como cada pessoa se relaciona com o rio, a terra e a coletividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados esperados através desta pesquisa, propõe dar visibilidade aos povos ribeirinhos amazônicos, buscando entender as percepções dos moradores sobre como os festejos contribuem para a manutenção e expressão da identidade cultural de Nazaré e de que

forma influenciam a interação socioeconômica, a formação de laços comunitários, o fortalecimento de redes de apoio e a resolução de conflitos, analisando como o rio interfere diretamente no deslocamento dos povos e no transporte de recursos, como alimentos, utensílios e alguns produtos industrializados. Descrevendo como as mudanças climáticas têm afetado as populações que vivem às margens do rio Madeira, de acordo com o período de cheia e seca do rio. A pesquisa apresentará as percepções dos moradores sobre como a participação nos festejos afeta seu bem-estar emocional, psicológico e físico e como os festejos contribuem para o senso de pertencimento à comunidade, a coesão social, a segurança, a qualidade de vida e a celebração da cultura local.

Assim os resultados desta pesquisa revelam uma forte conexão entre a participação nos festejos tradicionais e o sentimento de pertencimento à comunidade de Nazaré, corroborando os achados de autores como, Amaral (1998), Saraiva (2017), Amorim Filho (2007), Silva (2000), (Acosta, 2016), Joseli Silva (2003), Silva (1994), Silva (2003), Massey (2008), Sampaio (2017), Maria Lugones (2014) e entre outros, que destacam o papel dos eventos culturais na construção da identidade coletiva.

Os resultados esperados incluem, Identidade cultural: os festejos reforçam símbolos, narrativas e práticas que alimentam o sentimento de pertencimento e a coesão comunitária; Laços comunitários e redes de apoio: às celebrações promovem solidariedade e formas coletivas de resolução de conflitos; Dimensão socioeconômica: ainda que não mercadológicos, os festejos mobilizam trocas, circulação de alimentos e fortalecimento de redes de reciprocidade; Influência das mudanças climáticas: as variações entre cheia e seca do rio Madeira impactam diretamente a organização e a logística dos festejos; Dimensão de gênero: as mulheres desempenham papel central na manutenção e transmissão cultural, reforçando as análises de Lugones (2014) sobre gênero e colonialidade.

Assim, a pesquisa confirma o argumento de Acosta (2016) de que o Bem Viver é mais do que uma alternativa econômica: trata-se de uma cosmovisão que orienta modos de vida e resistências. Os festejos culturais emergem como práticas de reexistência (Nascimento Silva, 2000), que reafirmam vínculos comunitários frente ao avanço de dinâmicas capitalistas e da crise climática.

As visitas realizadas à comunidade ribeirinha possibilitaram um contato direto com o cotidiano das famílias, revelando diferentes dimensões do que se compreende como “Bem Viver” nesse contexto. Por meio das entrevistas com mulheres, lideranças locais e jovens, foi possível

perceber que o Bem Viver está profundamente enraizado nas práticas culturais, nas relações de vizinhança e na conexão com o território.

As entrevistas realizadas durante as visitas à comunidade ribeirinha revelaram múltiplas dimensões que compõem o Bem Viver local, evidenciando que se trata de uma construção coletiva, dinâmica e profundamente enraizada no território. Um dos aspectos que mais se destacaram foi o envolvimento da juventude com as práticas culturais e cotidianas. Jovens têm buscado participar ativamente dos festejos e das atividades tradicionais, seja por meio da música, da dança ou da organização dos eventos comunitários. Muitos expressaram o desejo de manter vivos os costumes herdados dos mais velhos, reconhecendo nesses saberes uma forma de fortalecer a identidade e o sentimento de pertencimento. Assim, a juventude não apenas reproduz, mas também ressignifica práticas culturais, adaptando-as aos seus contextos atuais sem romper com a tradição.

Outro elemento fortemente presente nas falas dos entrevistados e nas observações de campo é a relação íntima e cotidiana com o rio. Em diferentes momentos do dia, moradores se reúnem às margens para pescar, banhar-se, conversar ou simplesmente contemplar a paisagem. Observar o nascer e o pôr do sol sobre as águas é uma prática recorrente, carregada de significados simbólicos e afetivos. O rio transcende a ideia de um elemento natural para assumir o lugar de um verdadeiro membro da família — é fonte de alimento, espaço de sociabilidade, via de transporte e lugar espiritual. Essa relação de pertencimento e respeito é transmitida entre gerações e reforçada no cotidiano comunitário.

A comunidade também demonstra uma forte consciência ambiental e uma relação de reciprocidade com a natureza. As práticas de uso dos recursos naturais são pautadas pelo respeito e pela sustentabilidade: pesca em tempos adequados, uso cuidadoso da água, manejo responsável de áreas de cultivo e preservação das matas e das fruteiras. Em praticamente todas as casas visitadas, havia fruteiras plantadas nos quintais — seringueiras, mangueiras, goiabeiras, pés de açaí e outras espécies locais — compondo uma paisagem que integra natureza e cultura de maneira orgânica.

Mesmo após duas grandes cheias do rio, que atingiram severamente a região, os moradores reconstruíram seus modos de vida, reafirmando elementos culturais e reorganizando o espaço comunitário. Casas foram recuperadas, fruteiras replantadas e festas tradicionais retomadas com intensidade. Essa capacidade de reconstrução demonstra a resiliência e o

enraizamento cultural do povo ribeirinho, que não entende as cheias apenas como catástrofes, mas como parte do ciclo natural com o qual aprenderam a conviver e se adaptar.

De modo geral, os resultados apontam para uma concepção de Bem Viver que integra território, cultura e natureza em uma rede de significados compartilhados. A comunidade vive em constante diálogo com o ambiente, tecendo práticas culturais e ecológicas que fortalecem sua identidade coletiva e garantem a continuidade de um modo de vida que resiste, se transforma e permanece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa vem permitindo evidenciar a intrínseca relação entre os festejos culturais e a dinâmica social, econômica e identitária da comunidade ribeirinha de Nazaré, Rondônia. Conforme observado, o estudo lança luz sobre as percepções dos moradores, confirmando o papel crucial dos festejos na manutenção e expressão da rica identidade cultural local. Tais manifestações não se limitam a eventos pontuais, mas se configuram como espaços vivos de trocas simbólicas, de fortalecimento dos laços comunitários e de transmissão intergeracional de saberes.

Os resultados também revelam que o Bem Viver ribeirinho está diretamente ligado à relação profunda com o território e, especialmente, com o rio, o qual até o momento vem sendo o elemento central na organização da vida cotidiana, na espiritualidade e na sociabilidade. A comunidade se reúne diariamente às margens para contemplar o nascer e o pôr do sol, pescar, banhar-se e interagir, demonstrando que o rio transcende a condição de recurso natural para se tornar parte constitutiva da família e da memória coletiva. Essa conexão simbólica e afetiva sustenta práticas de cuidado e respeito com a natureza, evidenciadas no uso sustentável dos recursos e na preservação das fruteiras e áreas verdes, presentes em praticamente todos os quintais.

Além disso, destaca-se o protagonismo da juventude na continuidade e renovação das práticas culturais. Jovens se engajam ativamente nos festejos e nas atividades tradicionais, reafirmando sua identidade e ao mesmo tempo ressignificando costumes herdados dos mais velhos. Essa participação demonstra que a cultura ribeirinha não está cristalizada, mas em constante movimento, alimentada pela criatividade e pelo compromisso coletivo com a preservação das tradições.

Outro aspecto relevante é a capacidade de resiliência da comunidade diante das adversidades ambientais, como as grandes cheias do rio que atingem severamente a região nos últimos anos. Mesmo após perdas materiais e mudanças na paisagem, os moradores reconstróem seus modos de vida, replantam fruteiras, organizam o espaço comunitário e retomam as festas tradicionais com força renovada. Essa postura evidencia não apenas uma relação de adaptação, mas também um profundo enraizamento cultural e ecológico.

Portanto, esta pesquisa oferece uma visão aprofundada sobre o impacto multifacetado dos festejos na comunidade de Nazaré e contribui para dar visibilidade às complexas dinâmicas socioambientais que moldam a vida dos povos ribeirinhos amazônicos.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. Buen Vivir Sumak Kawsay. Una oportunidad para imaginar nuevos mundos. Quito: Abya Yala, 2012.
- ACOSTA A. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016. 264 p5.
- ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? Desenvolvimento Meio Ambiente, UFPR, v. 40, p. 231-251, abril 2017.
- AMARAL, L. A. *Festas religiosas e cultura brasileira*. São Paulo: Loyola, 1998.
- AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. **A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais**. In: **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.
- ARENDT, Hanna. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- CLAVAL, P. **A Geografia e a percepção do espaço**. In: Revista brasileira de geografia. Rio de Janeiro: IBGE, abr/jun. 1983.
- GOMES, Simone Rodrigues dos Santos. **Confluências entre Quilombo do Matão e povo Kaxarari: rios de ancestralidade e modos de vidas** / Simone Rodrigues dos Santos Gomes. – Porto Velho, 2024.
- LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Tradução de Juan Ricardo Aparicio e Mario Blaser. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3. setembro-dezembro/2014.

LUGONES, María. **Colonialidad y Género. Tabula Rasa.** Bogotá– Colombia, n.9, 73-101, julio-diciembre 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice **Fenomenologia da percepção.** Tradução de Carlos Alberto de Ribeiro Moura. São Paulo: São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NASCIMENTO SILVA, J. Cultura e identidade na Amazônia. Porto Velho: Eudfro, 2000.

REIS, Rodrigo de Amurim dos. **Vivir bien na fronteira: um olhar da geografia humanista e sua discussão na fronteira Brasil – Bolivia/** Rodrigo de Amurim dos Reis. – Porto Velho, 2024.

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da geografia.** Abril, 1978. HUSSERL, Edmund. **Logique formale et logique transcendente**, trad. Suzanne Bachelard, Paris, PUF, 1957.

SARAIVA, A. L. **Festejos e religiosidade popular: O festejar em comunidade ribeirinhas de Porto Velho/RO.** 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente)- Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (PGDRA), Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, 2007.

TUAN, Y.-F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* São Paulo: Difel, 2012.